



Uso do Latim na Liturgia

VANTAGENS DO LATIM NA LITURGIA

“Os protestantes e inimigos da Igreja Católica sempre lhe reprovaram duramente o latim. Sentem que a imobilidade desta couraça defende, de toda alteração, essas antigas tradições cristãs, cujo testemunho os esmaga. (...) O erro fala, com prazer, uma língua variável e cambiante.” (Mons. de Ségur)

I. *Uma língua venerável*

Pois o latim é o produto de um desenvolvimento histórico e consagrada pelo uso multissecular da Igreja Católica e da literatura.

II. *Uma língua estável*

“O uso da Língua Latina é um claro e nobre indício de unidade e um eficaz antídoto contra todas as corruptelas da pura doutrina.”

(Papa Pio XII, Encíclica *Mediator Dei*)

A Igreja conserva-a por saber que as suas palavras são a expressão fiel da fé católica. Tal certeza não teria com traduções continuamente reformadas e adaptadas à língua viva. Os cristãos ortodoxos, apesar de separados da Igreja romana, guardaram a sua fé quase completamente devido em grande parte à sua Liturgia antiga.

O uso do latim na liturgia evita muitos inconvenientes; como língua em desuso, não varia: o sentido das palavras permanece o mesmo através dos séculos, o que não se dá com as línguas correntes, que *mudam muitas vezes* no decurso dos séculos. Com a língua litúrgica sendo uma língua viva, *facilmente nela se introduzem heresias*.

Além disso, convém notar que *judeus e pagãos* serviam, no seu culto religioso, de uma língua que não era a língua vulgar. Entre os judeus, por exemplo, empregava-se o *antigo hebreu*, que era língua dos Patriarcas. Jesus Cristo e os Apóstolos assistiram ainda ao ofício divino que se celebrava nessa língua e a história não nos diz que Jesus Cristo e os Apóstolos hajam censurado esse costume. Na *Índia*, o *sânscrito* é a língua sagrada e difere dos dialetos que usa o povo. Os *gregos*, quer os não unidos quer os unidos a Roma, empregam nas suas igrejas o *grego antigo*, e não o grego moderno ou vulgar.

III. *Uma língua fixa.* A língua latina é muito aperfeiçoada, com termos próprios, formados, por exemplo, pela legislação romana.

IV. *Língua misteriosa e santa*

V. *Lingua unitiva*

“De fato, a Igreja, como mantém unidos no seu conjunto todos os povos e durará até a consumação dos séculos (...), exige, pela sua natureza, uma linguagem universal, imutável, não vulgar.”

(Papa Pio XI)

¹Muitas vezes se dá o caso de pessoas pouco instruídas, que assistem a uma ópera italiana, nada perceberem do diálogo: mas basta-lhes para deleite entender em conjunto a ação e perceber a beleza da música. Assim também, o que não entende o latim percebe todavia a solenidade do culto e entra em sentimentos de devoção.

A diversidade das línguas separa os homens, a língua comum une-os. A língua latina une as igrejas particulares entre si e com Roma. Ela é, pois, uma exortação contínua à unidade. Com o latim, é possível que fiéis católicos de diferentes línguas assistam aos sacramentos em qualquer parte do mundo onde se celebre em latim, significando uma clara vantagem sobre o vernáculo.

VI. *Lingua civilizadora*

Todos os membros do clero devem aprender latim, e assim poderão ler no original vários autores clássicos (como *Virgílio*), sobretudo a doutrina dos Santos Padres, a Escolástica (em principal Santo Tomás, Doutor Comum da Igreja), bem como as fontes magisteriais, litúrgicas e canônicas da Igreja, que têm a língua latina como referência.

VII. *Lingua internacional*

“Dos elementos da língua latina antiga, modelada e disciplinada pelas mãos da Igreja, saiu uma língua nova, bela das graças da juventude, brilhante dos ardores da fé, dotada das promessas de eternidade e veloz para a conquista do mundo(...). Foi assim que se formou este idioma maravilhoso, que recebeu e que conserva tudo que há de verdade sobre a terra, que é a língua mesma pela qual a Igreja fala com Deus.”

(Mons. Gaume)

Não só o clero entende a língua latina, mas também leigos a cultivam e empregam, p. ex., nas ciências biológicas, filosóficas e jurídicas, e a preferem às línguas artificiais (esperanto).

A Igreja não tem a mínima ideia de *manter os fiéis na ignorância* do significado das funções sagradas: pelo contrário, ela ordena aos seus sacerdotes que expliquem a missa e as suas cerimônias, tanto na escola às crianças como no púlpito aos adultos (Conc. Trid. XXII, 8). A Igreja também não tem a intenção de *depreciar a língua nacional*, que tem amplo uso na pregação, na administração dos sacramentos, no confessionário, nas devoções, nas orações depois da missa, etc.; ademais, o padre na Missa Tridentina deve

recitar em voz baixa a maior parte das orações e, portanto, o povo não as ouviria, mesmo se fossem ditas em língua vulgar.

“Mas, dizem, o povo não entende nada da missa. Responde-se: A missa é uma ação, não um curso de instrução religiosa. No Calvário não havia explicações. O altar é um Calvário. Todo cristão sabe o que significa: imolar-se.”

(Pe. Reus, S.J.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

.*Catecismo Católico Popular*, Francisco Spirago

.*Curso de Liturgia*, Pe. João Batista Reus, S. J.



SSVM